

## TRAÇOS DE PESQUISA NO COTIDIANO DOCENTE: OS HORÁRIOS PEDAGÓGICOS COMO OPORTUNIDADE DE ESTUDOS

*TRAITS OF RESEARCH IN THE DAILY EDUCATION: THE PEDAGOGICAL SCHEDULES AS A STUDY OPPORTUNITY*

## CARACTERÍSTICAS DE LA INVESTIGACIÓN EN LA EDUCACIÓN DIARIA: LOS HORARIOS PEDAGÓGICOS COMO UNA OPORTUNIDAD DE ESTUDIO

*Débora Roquini de SOUZA*<sup>1</sup>

*Celso VALLIN*<sup>2</sup>

**Resumo:** A preocupação com um tempo para os estudos do professor nasceu em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 que definiu que os sistemas de ensino assegurariam um período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluídos na carga de trabalho. Considerando a palavra estudos, nos propomos a investigar que condições favorecem ou impossibilitam professores de estudar com o objetivo de conhecer como esses estudos auxiliam na articulação entre teoria e prática, ainda que não apresentem a sistematicidade exigida pela pesquisa científica. Trata-se de um estudo de caso descritivo na abordagem qualitativa com pesquisa de campo com professores do Ensino Fundamental de duas escolas estaduais do Sul de Minas Gerais. Encontramos traços de pesquisa no cotidiano docente e o caso de uma escola que resgatou o objetivo das reuniões pedagógicas que nos levou a concluir que é possível estudos mais aprofundados através do engajamento e participação dos professores. Ressaltamos uma relação entre pesquisa e formação continuada, apontando a necessidade de apoio das secretarias de ensino de modo que a pesquisa seja tratada como atitude cotidiana incluída na carga de trabalho.

**Palavras-chave:** pesquisa do professor, condição docente, tempo extraclasse.

### INTRODUÇÃO

É tarefa complexa tentar definir a pesquisa do professor enquanto atividade incluída na jornada de trabalho, principalmente porque a jornada de trabalho varia de acordo com o número de cargos que o professor possui na rede estadual de Ensino.

Iremos falar de estudos e pesquisas como atividades interligadas, quando ambas apresentam o objetivo de mudar a prática. A pesquisa, muitas vezes, é mais bem percebida quando retrata uma metodologia ou quando está relacionada a cursos de especialização ou mestrado e doutorado. O que queremos conhecer neste trabalho é a forma como

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: debora.roquini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9387-9955>

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras. Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: celso.vallin@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4147-9033>

o professor desenvolve seus estudos de maneira regular, cotidiana, desde que comprometido com a prática, ainda que não siga a sistematicidade exigida pela pesquisa acadêmica. A pesquisa como atitude cotidiana poderá contribuir para o que Demo (1994) chamou de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade através do conhecimento inovador. É fazer a oportunidade para que o ensino não caia na reprodução sem sentido que desmotiva tanto o professor quanto o aluno. Para o autor (1994, p. 15), cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como “fonte principal de sua capacidade inventiva”.

Pensar na pesquisa do professor incluída na jornada de trabalho significa pensar a pesquisa do professor como atitude cotidiana na escola, mas não é tão comum vermos professores estudando na escola, em salas pensadas para garantir que seus momentos de estudos sejam, de fato, respeitados e incentivados. Essa foi uma forma de valorizar o trabalho do professor, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394 de 1996 quando afirmou em seu artigo 67, parágrafo cinco, que os sistemas de ensino devem assegurar aos profissionais da educação um “[...] período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho”. (BRASIL, 1996).

Apesar das dificuldades e dos fatores que podem dificultar que os estudos dos professores sejam um hábito rotineiro, nossa argumentação assenta-se no pressuposto de que a pesquisa pode ser um importante instrumento para aliar teoria e prática, bem como contribuir de forma constante para a formação do professor.

Inicialmente era nosso objetivo tentar definir que tipo de pesquisa o professor da educação básica desenvolve baseado nos moldes da pesquisa acadêmica buscando conhecer como os professores desenvolvem estudos mais aprofundados. O que encontramos foram traços de pesquisa a partir das observações em loco em ambas as escolas pesquisadas onde, na primeira, os traços existentes não foram suficientes para ajudar o professor a articular teoria e prática. Foi comum encontrarmos professores atribuindo a busca de informações na internet para o planejamento das aulas à atividade de pesquisa, que entendemos ser na verdade uma deformação de estudar com comprometimento. No nosso entendimento, era necessário buscar experiências que superassem a reprodução de conhecimentos pré-estabelecidos caminhando no sentido de assumir a pesquisa como atitude cotidiana. A segunda escola observada apresentou traços de pesquisa semelhantes, mas que auxiliaram os professores a estudarem de maneira comprometida com a prática. Estávamos dispostos a discutir somente as dificuldades que os professores encontram para utilizar a pesquisa como atitude cotidiana, mas a segunda escola observada nos mostrou como foi possível encontrar um sentido para os estudos dos professores utilizando-os como elo mantenedor de discussões coletivas durante as reuniões pedagógicas.

Esse trabalho busca destacar a necessidade de apoiar os estudos dos professores desejando vê-lo como um hábito comum no cotidiano escolar. Apoiamo-nos em Lüdke (2001, p. 36) por afirmar que “[...] na prática docente, existem condições para que a

pesquisa se torne não apenas possível e viável, mas também possível de ser verdadeiramente instrumento de reflexão e crítica”. Para isso, apresentamos a legislação educacional nacional e o tempo extraclasse do professor para compreender que esse tempo foi pensando com o intuito de valorizar os profissionais da educação, mas que, muitas vezes, este tempo não tem atendido a essa necessidade. Em seguida, discutimos o que entendemos como traços de pesquisa no cotidiano docente, salientando que por não se constituírem em uma pesquisa completa, esses traços são ignorados quando poderiam ser melhor explorados. Destacamos a importância da reflexão como possibilidade de ser mais que um simples atributo da profissão docente pensando a reflexão como a faísca para o questionamento que é indispensável para manter o interesse durante os estudos. Por fim, apresentamos os fatores que atualmente dificultam a pesquisa e estudos comprometidos com a prática e o caso de uma escola que encontrou maneiras de preservar os estudos através do incentivo à participação dos professores nas reuniões pedagógicas.

#### LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL NACIONAL E A PESQUISA

Buscando valorizar o trabalho do professor e considerando as difíceis condições docentes que envolvem seu trabalho, tomamos como ponto de partida a Constituição Federal de 1988 que inaugurou, em termos jurídico-legais, a valorização dos profissionais da educação prevendo planos de carreira para o magistério público e garantindo o ingresso, exclusivamente, por concurso público.

A preocupação com um tempo para estudos do professor nasceu em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394 que definiu que os sistemas de ensino assegurariam, entre outras formas de valorização, um período reservado a “estudos, planejamento e avaliação, incluídos na carga de trabalho”. (BRASIL, 1996) Só em 2008 é que uma lei, que entrou em processo judicial até 2011 pelo Supremo Tribunal Federal, regulamentou quanto seria esse tempo, que foi a Lei do Piso nº 11.738. Em Minas Gerais, o Estado instituiu, cinco anos depois, a Lei nº 20.592, de 2012, o tempo extraclasse que chamaremos daqui em diante de extra-aula, atendendo ao que, em 1996, a LDB havia promulgado. A Lei mineira não deu ênfase à palavra estudos, mas deixou em aberto “outras atribuições do cargo que não configurem o exercício da docência”.

Outros estudos (VALLIN, 2004, p. 22) mostram que as reflexões sobre a prática pedagógica acontecem nos mais variados momentos e locais, fugindo do controle de tempos, bem como existe o planejamento de ação escolar que acontece mentalmente, e que depois poderia se tornar algo escrito (VALLIN, 2004, p. 46). Por isso, não é simples enquadrar onde e como acontecem os tempos extra-aulas, mas observaremos, neste primeiro momento, como as legislações incentivam as atividades de estudo e pesquisa do professor na escola.

Em termos de incentivo profissional, a atividade de pesquisa não aparece como uma atividade contabilizada na carreira ou na remuneração, a não ser através de cursos

de formação reconhecidos como *escolaridade adicional* mediante *progressão*<sup>3</sup> ou *promoção*. Nas atribuições da carreira, enquanto atividade profissional atribuída ao cargo, a pesquisa do professor é citada como elaboração e implementação de projetos educativos:

Anexo II - Atribuições dos Cargos Efetivos que Compõem as Carreiras dos Profissionais de Educação Básica - 1. Carreira de Professor de Educação Básica: 5. atuar na elaboração e na implementação de projetos educativos ou, como docente, em projeto de formação continuada de educadores, na forma do regulamento. (MINAS GERAIS/SEE, 2004).

Consideramos positivo o reconhecimento quanto à elaboração e implementação de projetos educativos na escola ou de projetos para a formação continuada de educadores, o fato é que antes disso é necessário que a atividade de pesquisa seja entendida como atitude cotidiana no trabalho do professor, como um questionamento reconstrutivo construído internamente por ele, conforme explica Demo (1994). O autor explica que o que se espera do professor ao elaborar projetos demandados pela escola, é que não faça cópias de projetos que já existem, mas que seja capaz de desenvolver sua escrita com consciência crítica considerando o contexto político e social em que sua escola esteja inserida. Afirma ainda que professores que não elaboram seu projeto pedagógico próprio não podem elaborar um projeto coletivo.

No máximo vai sair uma colcha de retalhos ou coisa encomendada. Sua adequada elaboração implica, necessariamente, pesquisa, atualização constante, teorização das práticas, aprendizagem de outras experiências, autocrítica permanente, e assim por diante. (DEMO, 1997, p. 39).

O que estamos questionando é que, em termos profissionais, a atividade de pesquisa e os estudos do professor não são atividades cujos incentivos específicos constem na carreira como são, por exemplo, outras atribuições previstas para o cargo de professor da educação básica como coordenação pedagógica, atividades artísticas, orientação de aprendizagem na educação de jovens e adultos, substituição eventual de docente, ensino do uso da biblioteca etc. (MINAS GERAIS, 2004). Ora, se a pesquisa não é tida como rotina, hábito ou atitude cotidiana na jornada de trabalho, ela estará em um *outro lugar*, nos tempos que sobram, como atividade secundária.

As políticas públicas existem para assegurar as ações profissionais dos professores, mas elas muitas vezes interferem tanto nas propostas de formação quanto na maneira como o professor realiza o seu trabalho.

---

<sup>3</sup> *Progressão* é a passagem do servidor do grau em que se encontra para o grau subsequente no mesmo nível da carreira a que pertence; e *promoção* a passagem do servidor de um nível para o imediatamente superior, na mesma carreira a que pertence.

De modo geral, as legislações mencionadas citam a pesquisa como parte importante no trabalho do professor, mas como algo que lhe é inerente, que deva vir como atributo e não como atividade incentivada permanentemente na sua jornada de trabalho. As discussões mais específicas se referem a assuntos considerados mais urgentes como currículo, o processo de ensino e conteúdos nacionais comuns; considerar que o professor estude e se prepare para construir projetos e textos demandados pela escola é algo já esperado, previamente deduzido. É como apenas sugerir e não ofertar uma formação continuada ao professor. Não basta sugerir, é necessário oferecer condições concretas como tempo respeitado, incentivo, remuneração, preparo e condições estruturais.

A atividade de pesquisa é sim uma atividade inerente ao trabalho do professor. Leituras e estudos são entendidos como pressupostos de seu trabalho, mas é importante que a pesquisa seja claramente incentivada na jornada de trabalho, para evitar o risco de pender-se como atividade periférica, secundária ou obsoleta. Poucos incentivos para a pesquisa na carreira do professor da educação básica pode enfraquecer a potencialidade que a pesquisa é capaz de oferecer na articulação entre teoria e prática e ainda para a formação continuada do professor.

#### A PESQUISA NO COTIDIANO DOCENTE

É complexa a tentativa de classificar a pesquisa feita por professores da educação básica. Inicialmente é necessário pensar que o modelo de pesquisa científica não deve ser imposto ao professor da educação básica, pois este modelo não atende aos problemas vividos pelos professores na escola, pois exige condições estruturais e materiais que a escola básica não possui. Por essa razão, chamaremos de traços de pesquisa os elementos que aparecem no cotidiano docente que podem auxiliá-lo na vinculação entre teoria e prática ainda que não apresentem a sistematicidade exigida pela pesquisa científica. A observação central de nosso trabalho é a importância de aliar teoria e prática tendo a pesquisa como mecanismo principal.

Lüdke e André (1986, p. 2) explicam que é necessário desmistificar o conceito de pesquisa quando encarada como “[...] privilégio de alguns seres dotados de poderes especiais”. Ao mesmo tempo é preciso entendê-la como atividade que requer alguns conhecimentos específicos.

Demo (1997) afirma que pesquisa não deve ser entendida como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, precisa ser internalizada como atitude cotidiana, todo dia, toda hora.

Gil (1991) afirma que a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder a um problema.

A pesquisa do professor não tem que ser igual à pesquisa acadêmica, não deve haver hierarquia científica. Considerar que o único modelo de pesquisa válido é o que é fei-

to nas universidades induz ao pensamento de que o professor não faz pesquisa, quando na verdade está a todo o momento formulando e reformulando as teorias diante de sua prática. Encontrar traços de pesquisa no cotidiano docente significa que os professores recorrem à pesquisa para aliar teoria e prática.

Para fins de esclarecimento, a pesquisa acadêmica se baseia na produção de textos científicos que exigem alguns cuidados, conforme explica Demo (1997, p. 42).

- a) partir de uma hipótese de trabalho, para ter um direcionamento provisório e instigador; [...]
- b) delimitar o tema; [...]
- c) a base teórica que representa, de modo geral, o cerne do trabalho [...];
- d) dados empíricos ou qualitativos [...];
- e) a verificação da hipótese.

Utilizamos a palavra estudos como trouxe a LBD e a palavra pesquisa, considerando que ambas estão interligadas. Estudo e pesquisa possuem características em comum. A pesquisa e o estudo intuitivo possuem muitos objetivos que se perdem ao longo do estudo, alguns deles não definidos, curiosidades, metodologias indefinidas. É um conjunto de interesses e de problemas que faz parte da vida do professor e quando ele estuda, esses interesses aparecem. Podemos fazer algo que para nós não faz sentido, e dez minutos depois já esquecemos aquela tarefa. Isso não é estudo, é uma deformação que a repetição vai criando, sem significado.

Alguns elementos que compõem o processo de pesquisar perpassam o cotidiano docente como, por exemplo, observação atenta da realidade e de sua prática, inquietação, reflexão teorizante, leituras e inúmeros problemas de pesquisa ao mesmo tempo. Estes são traços de pesquisa presentes no dia-a-dia do professor que, muitas vezes, por não atingirem as exigências impostas pela pesquisa acadêmica, deixam de ser considerados.

Para alguns autores, os elementos que compõem o processo de pesquisar só se justificam se a pesquisa avançar para o plano da escrita, da publicação, da apresentação de resultado. Embora essa justificativa seja pertinente, essa perspectiva reforça a rotulação de que o professor da educação básica não faz pesquisa, quando na verdade a pesquisa permeia constantemente suas ações. Os traços de pesquisa existentes no cotidiano docente podem auxiliar o professor a aliar teoria e prática quando reflete baseado em autores que leu, quando a observação atenta da realidade e de sua prática o impulsiona a querer mudanças, quando lida melhor com os problemas da prática. Tomar notas, planejar, ler, reler, discutir com seus pares dúvidas acerca da prática são traços de pesquisa que contribuem, inclusive, para a formação continuada.

O professor pesquisador da própria prática é aquele que, tomando como base um problema advindo da realidade, reflete profundamente como poderá fazer algo a respeito, e esse comprometimento o leva a estudar e pesquisar para contribuir.

## METODOLOGIA

De acordo com Yin (2001), o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - e utiliza, principalmente, duas fontes de evidências, observação direta e série sistemática de entrevistas, o que não significa restringir-se a somente esses recursos. É necessário que o pesquisador seja capaz de fazer boas perguntas, ser um bom ouvinte e ser imparcial em relação a noções preconcebidas.

O caso, para Goode e Hatt (1968 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986), destaca-se por constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo e que tem como princípio básico uma apreensão mais completa do objeto; é preciso levar em conta o contexto em que ele se situa.

O trabalho de campo foi dividido em duas etapas de investigação. A primeira etapa consistiu num mapeamento do tempo extraclasse realizado na Escola Estadual dos Ipês, com a participação de seis professores, no período de seis meses, duas vezes por semana, acompanhando a rotina, os locais onde cumprem o tempo extraclasse e a forma de controle do cumprimento deste tempo. Foram realizadas entrevistas com as professoras da primeira escola para conhecer as atividades alcançadas no tempo extraclasse e as observações foram anotadas em diários de campo e depois transcritas na íntegra e feita uma análise detalhada. A segunda etapa consistiu no acompanhamento de oito reuniões pedagógicas na Escola Estadual das Flores, com duração de duas horas cada uma, para perceber e conhecer a organização e pautas das reuniões, as discussões sobre assuntos pedagógicos, as brechas e as trocas de conhecimento. Foram realizadas entrevistas com quatro professores para conhecer suas histórias profissionais, como estudam e como pesquisam durante o tempo que passam na escola, considerando também suas condições de trabalho. Em média, trinta professores participaram das reuniões.

Deste universo de inúmeras discussões coletivas transcritas, escolhemos quatro professores do Ensino Fundamental que também lecionam para o Ensino Médio, cujos relatos abrangeram de modo mais amplo a proposta deste trabalho. Os critérios utilizados para a escolha desses quatro professores foram os que apresentaram menor e maior tempo de profissão, dois homens e duas mulheres; dois que escolheram e dois que não escolheram serem professores, procurando redobrar o cuidado tanto no planejamento quanto na coleta e análise dos dados para minimizar os efeitos das direções escolhidas. Para a análise dos dados utilizamos a proposta dialética proposta por Minayo (2001) chamada de método hermenêutico-dialético. Esse método considera a fala dos atores sociais em seu contexto, para melhor compreendê-la.

A partir da análise geral das percepções desses professores sobre sua atividade de pesquisa e pensando em uma representação social da pesquisa, do total de trinta professores (100%) presentes nas reuniões pedagógicas, suas concepções sobre a atividade de pesquisa giraram em torno de:

60%	30%	10%
1. Concebem o modelo ideal de pesquisa nos moldes acadêmicos	2. Atribuem a atividade de pesquisa à busca de informações na internet.	3. Afirmam estudar durante os planejamentos das aulas

Fonte: Roquini (2019)

1. O grupo de respostas número um demonstrou uma convicção de que a pesquisa acadêmica é o único tipo de pesquisa ideal. Quando atribuem a dificuldade de fazer pesquisa baseado nos moldes científicos, deixam de considerar os elementos e as características presentes nos traços de pesquisa que fazem, classificando-os como insuficientes. Também deixam de valorizar as estratégias que são criadas todos os dias para atender aos desafios que demandam uma sala de aula. Isso aconteceu por não se atentarem cuidadosamente aos traços de pesquisa no cotidiano docente e considerá-los importantes para responder às questões pedagógicas.

2. O grupo de respostas número dois considera a busca de informações na internet como atividade de pesquisa. Consideramos que essa é uma deformação dos estudos, pois buscam por respostas prontas e não percebem que não houve elaboração própria.

3. O terceiro grupo de respostas apresentou com convicção que estuda durante o planejamento de suas aulas.

Estabelecemos um conjunto de três categorias gerais para os diálogos: como os traços de pesquisa aparecem no cotidiano docente; fatores que dificultam os estudos e pesquisas no tempo extraclasse; e fatores que possibilitaram as discussões coletivas como ferramenta para estimular os estudos dos professores. Os nomes são fictícios para preservar o anonimato dos professores entrevistados.

### ALGUNS TRAÇOS DE PESQUISA ENCONTRADOS

Os traços de pesquisa no cotidiano docente apareceram nas entrelinhas, nas falas, nas brechas, esboços diários no planejamento de aulas, no tempo extra-aula na escola, em casa, no trânsito, nos intervalos do almoço e nas reuniões pedagógicas. Em também em algumas leituras, resolução de problemas, observação de realidade, reflexão teorizante e construção de explicações. Essas atividades romperam barreiras como a falta de tempo, falta de salas adequadas, poucos computadores e internet ruim. Mas ainda assim, os professores, de modo geral, falaram sobre seus estudos de modo vago. Seja por não sentirem que estão estudando com afinco, seja por ficarem em dúvida sobre o que dizer.

Os desafios cotidianos que perpassam o trabalho docente fazem com que o professor lance mão, a todo o momento, de traços como leituras e reflexão teorizante para conseguirem lidar com esses desafios como percebemos no relato abaixo:



Eu fiquei muitos anos dando aulas para os anos finais do Ensino Fundamental e agora estou de novo com o sexto ano e eles demandam mais atenção, eu preciso ler as provas com eles, explicar os enunciados das questões. Estou refletindo novamente como procurar para eles atividades interessantes, explicar de um modo diferente, porque eu não vou repetir coisa de anos atrás. Estou procurando refletir bastante para atender às necessidades deles. (ROSA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019)

Algumas falas demonstram uma relacionam com os estudos somente em cursos de especialização, não mencionaram a atividade como sendo um exercício diário, como vemos abaixo.

Como eu estudo? Nunca parei para pensar nisso...rss Eu gosto de cursos online, tem aqueles fóruns de discussão que querendo ou não, é um espaço coletivo de aprendizagem porque se por um acaso tiver um outro colega acessando naquele momento, é possível discutir juntos. Hoje em dia esse tipo de formação é muito comum, esse negócio de EAD é muito comum e eu acho bom. (MARÍA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

Eu iniciei uma pós-graduação uma vez, O Uso Educacional da Internet, eu cheguei a fazer um ano dessa pós. Só que na época que eu estava fazendo essa pós eu fazia um curso de estética à noite, eu dava aula e já trabalhava como esteticista. Eu já estava mais no final do meu curso. A pós-graduação foi muito boa, umas atividades muito interessantes só que exige muito tempo da gente. Toda semana eu tinha muitas atividades de ficar à tarde toda fazendo, mas era muito boa. Mas por fim eu tive que interromper porque senão eu ia acabar doente de tanta coisa que eu estava fazendo ao mesmo tempo na época, por isso eu não concluí. (SOLANGE, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019).

Os relatos demonstraram que estudar com afinco tem a ver com estudo formal, vinculado a alguma instituição ou sistema de ensino. Esse estudo também é extremamente válido, mas o que procuramos conhecer é se há menção de estudo como uma prática cotidiana.

Nem sempre a pesquisa é utilizada como forma de intervir na realidade. Algumas vezes o professor resolve determinada situação de maneira intuitiva, baseado em seus valores e crenças. A observação atenta da realidade é um importante elemento para que o professor perceba que precisa estudar assuntos dos quais não poderá decidir apenas de maneira intuitiva.

Quando os professores não utilizam seus estudos como uma atitude cotidiana, utilizam a intuição e a experiência para resolver os problemas da prática. Rosa (2019) revela que os professores desejam receber maior orientação sobre seus estudos:

O professor recebe muita receita, mas pouca orientação. Trabalhem este joguinho, este jogo é para isso e vai servir para aquilo e aquilo e aquele outro. Funcionou para um, então vai funcionar para todos. Aí aplicam em todo o Brasil. Querem que nós sigamos a mesma receita e a gente não aprofunda. É claro que você vai interpretar, ver se funciona para todos os seus alunos, mas aí se essa é a sua base, no que mais temos que nos apoiar? Seria bom se tivéssemos uma orientação nesse sentido.

Essa fala revela o que Mizukami (2002) citando Hatton e Smith (1995) chamou de *reflexão dialógica*, que consiste em um tipo de discurso consigo próprio, em uma exploração das possíveis razões para os fatos indicados. No entanto, somente a reflexão sem a teoria não será suficiente para mudar a prática. Quanto mais leituras e estudos, melhores serão as escolhas incentivadas pela urgência, auxiliando o encaminhamento de uma direção refletida e uma crítica criativa. Existem problemas intrínsecos que não chegam a ser definidos como um problema de pesquisa, mas há inquietações constantes sobre problemas que surgem na prática. Isso nos lembra o que Tardif (2013, p. 263) explica, ou seja, que os saberes profissionais dos professores são heterogêneos e heterônomos, pois de forma simultânea procuram atingir diferentes objetivos. Neste caso, além de estudar, planejar sua aula, cuidar de todos os alunos, esta professora precisa aconselhar sobre questões pontuais. Isto é o que o autor chamou de “tramas dinâmicas de interação humana entre professor e aluno”. Para problemas reais não existem receitas prontas, mas reflexão, significados e muita dedicação. Por isso consideramos a reflexão teorizante um dos importantes traços de pesquisa.

#### FATORES QUE DIFICULTAM A PESQUISA DO PROFESSOR NO TEMPO EXTRACLASSE

Campanha de Trânsito Educativa Maio Amarelo<sup>4</sup>, Itinerários Avaliativos<sup>5</sup>, Diagnóstico Avaliativo<sup>6</sup>, formulários gerais de desempenho dos alunos, Conselhos de Classe<sup>7</sup>, atividades específicas para datas comemorativas, Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (SIMAVE)<sup>8</sup>, Sistema Mineiro de Administração

<sup>4</sup> Campanha educativa para o trânsito destacando as linhas de cruzamento uma ação das Prefeituras em parceria com a Secretaria Estadual de Educação 2019.

<sup>5</sup> Por meio da Superintendência de Avaliação Educacional os objetivos dos Itinerários Avaliativos é subsidiar as escolas na elaboração de seus Projetos Políticos Pedagógicos. Ofício Circular SB/SAE/DAAPn° 01/2019.

<sup>6</sup> Metodologia para auxiliar o levantamento de um diagnóstico interno da escola.

<sup>7</sup> De acordo com a Portaria SEE 248/2019, as escolas estaduais de Minas Gerais deverão realizar quatro conselhos de classe ao longo do ano letivo

<sup>8</sup> Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública para monitorar o sistema escolar para garantir a frequência do aluno na escola.

Escolar (SIMADE)<sup>9</sup>, Escola Interativa<sup>10</sup>, Currículo Referência de Minas Gerais <sup>11</sup> e Semana Escola em Movimento<sup>12</sup> são alguns exemplos das ações propostas pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Embora essas sejam ações que tenham como objetivos auxiliar e acompanhar as ações da escola, elas muitas vezes chegam sem planejamento prévio, esbarrando em outras atividades internas já previstas nos calendários dos professores.

Todas essas propostas impactam a rotina do professor, seu planejamento e, inclusive, invadem o tempo extraclasse. Os professores precisam de um tempo respeitado, não interrompido. A pesquisa exige do pesquisador uma entrega completa, um debruçar-se. É o ato ou efeito de parar; não o tempo cronometrado *Khrónos*, mas sim o tempo sem tempo, *Kairos*, o tempo da cautela, da dúvida, de permitir-se reavaliar, como características essenciais do estudo e da pesquisa. (FREIRE, 2005)

Este é o tempo que Teixeira (2003) chamou de tempo qualitativo, imensurável pelos relógios, marcado pelas significações que o constitui e pelo sentido do que se está fazendo. É um tempo não só vivido, mas sentido.

Alguns professores afirmaram que não possuem tempo em sua jornada de trabalho para se dedicarem a estudos ou pesquisas. O tempo, na verdade, já foi previsto através da instituição do extraclasse. Percebemos, então, que há uma sensação de que este tempo está sendo *roubado*, na maioria das vezes pelas excessivas cobranças e constantes interrupções que, em geral, são provenientes das secretarias regionais ou estaduais de ensino que contabilizam, quantificam e fiscalizam o trabalho docente e, por isso, pode se tornar em um dificultador das atividades do professor. Vejamos este relato:

É assim, você está ali no seu tempo extraclasse corrigindo uma prova, por exemplo, e chega uma ficha para você preencher. Mas não é uma ficha só, sempre uma para cada aluno, ou seja, é sempre uma multiplicada por 200, 300 alunos. Aí você pergunta para o quê serve aquilo. Aí vem uma explicação que não faz sentido para nós professores, é somente uma exigência da SEE (MARGARIDA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

O grande questionamento tem sido quanto aos objetivos dessas imposições burocráticas que, muitas vezes, não fazem nenhum sentido para os professores.

<sup>9</sup> Sistema Mineiro de Administração Escolar é um banco de dados com todas as informações sobre o sistema educacional mineiro, que facilita a elaboração de projetos e políticas públicas para elevar a qualidade da educação em Minas Gerais.

<sup>10</sup> Plataforma digital chamada de Escola Digital com o objetivo de apoiar o processo pedagógico com planos de aula e outras ferramentas para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem.

<sup>11</sup> Formulário tem o objetivo de identificar os articuladores locais para contato e comunicação sobre todas as ações de formação continuada relativas ao Currículo Referência de Minas Gerais.

<sup>12</sup> Consiste em quatro dias dedicados a discutir os processos de avaliação externa e interna realizados por meio do Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública (Simave), analisar os resultados e planejar ações pedagógicas.

É muito papel, muito burocracia, muita coisa para preencher e muita coisa desnecessária, é uma coisa que você faz porque está na lei, então você é obrigado a fazer, mas você sabe que o outro, a pessoa que vai receber o papel, não vai ler. Por exemplo, o nosso diário eletrônico. Temos que preencher determinada parte do diário até dia tal. Mas quem é que vai ler? Quem vai reparar isso? Eles só vão olhar se você cumpriu o prazo, mas ler mesmo, não. Hoje tem Conselho de Classe aqui no módulo e esse papel a mais foi pedido para que a Inspetora Regional leve alguma coisa da escola. Será que ela leva mesmo algo de nós? (BERNADETE, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019).

A falta de sentido quanto aos formulários e relatórios que não condizem com o que os professores estão desenvolvendo, vai gerando uma insatisfação e uma intolerância generalizada comprometendo o trabalho, tanto dos professores, quanto dos gestores. A falta de esclarecimentos reforça a sensação de serem desvalorizados, como nas falas abaixo.

Eu entendo que só o tempo em sala de aula não é suficiente e o tempo extraclasse é prá você planejar a aula, estudar, prá elaborar atividades diferentes. Mas não dá para fazer tudo isso nesse tempo, eu vou além do meu tempo extraclasse. Igual, por exemplo, eu tenho três intervalos aqui na escola eu poderia estar planejando aula nesses horários mas geralmente eu estou organizando alguma coisa... [a supervisora interrompe para dar um recado]... Bom, como eu estava te falando que nesse tempo não dá tempo de planejar aulas, a superintendência ainda manda muita coisa prá gente fazer. Igual ontem mesmo eu gastei um tempão da minha tarde para preencher fichas e fichas que eu não sei realmente para que vão servir. Olha aqui: essas fichas são as habilidades que os alunos não consolidaram e as estratégias e recursos que devemos propor a eles. Aí, o que acontece, isso aqui vai ser engavetado. São 6 fichas para cada aluno, três eu já tinha preenchido. (PEDRO, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

Acho que as cobranças estão atingindo um nível de desumanidade tão grande que nos foi cobrado pagar o módulo que não realizamos devido ao falecimento de nosso diretor. Ele era um colega de profissão, um amigo. Viver o luto é algo que é parte da nossa cultura. Não fizemos a reunião de módulo, mas a comunhão que ocorreu durante o velório foi tão significativa, até os alunos se aproximaram mais uns dos outros e de nós professores. Chegamos a discutir até questões pedagógicas e formas de nos aproximarmos mais. Isso não é muito mais relevante do que um ponto azul de frequência no diário? A Superintendência não aceitou essa justificativa, não nos isentou de pagar o módulo desse dia. (JOÃO, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

Os professores realizam inúmeras atividades diárias que se relacionam com as expectativas dos órgãos gestores. Não é sobre não estarem fazendo alguma coisa e por essa razão serem cobrados, é sobre o que fazem não ser reconhecido, não ser visto. A

fala abaixo apresenta uma sugestão que confirma o desencontro de informações entre o trabalho dos professores e a expectativa dos órgãos gestores. Parece não estar havendo uma efetiva comunicação.

Eu acho que o que falta na escola é um fotógrafo, um bom trabalho de marketing e divulgação do nosso trabalho. Porque nós fazemos atividades interessantíssimas que muitas vezes não registramos. E às vezes, assim que acabamos de fazer, chega um comunicado que precisamos enviar algum registro para a Secretaria Regional, de alguma habilidade que eles estão requerendo. Aí, temos que fazer tudo de novo. Se tivesse registrado, não aconteceriam esses desencontros e nos sentiríamos mais seguros. Ajudaria muito se na escola existisse algum apoio fotográfico para registrar nossas atividades e fazer um portfólio. (ROSA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019)

A fala revela que a falta de comunicação e de conhecimento a respeito do trabalho que os professores desenvolvem, pode redundar em constantes cobranças fazendo com que eles se sintam desconfortáveis, pois têm que parar o que estão fazendo, a pedido da direção da escola, quando na verdade já estão seguindo os objetivos propostos em diferentes momentos. Essas intervenções constantes dificultam que o professor se dedique às atividades que exigem concentração e dedicação, como é a atividade de pesquisa. O professor precisa preencher o diário e também formulários sobre seus planejamentos, além disso, precisa registrar todas as suas atividades.

Quanto ao excesso de cobrança interferir na atividade de pesquisa, os relatos revelam que na escola fica difícil desenvolver atividades mais aprofundadas.

Você imagina que tem dia que não conseguimos nem corrigir as provas, que dirá ler um livro ou aprofundar em algum assunto na escola. Quando eu consigo é em casa onde posso me concentrar melhor. Na escola sempre chega coisas de última hora, sempre estamos acumulados e não é porque não fazemos, é porque as secretarias estão sempre nos cobrando alguma coisa. (MARIA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

Quando há necessidade de pesquisa, os professores alegam falta de apoio e orientação para desenvolverem a atividade.

Quando o assunto é pesquisa do professor, há mais cobrança do que orientações claras. Quando recebi uma criança com alguns transtornos e déficits de atenção, lembro-me da professora anterior me dizer: você vai ter que pesquisar sobre a dificuldade dele. Naquele momento eu pensei: pesquisar onde? Como? Ler o que? Eu fui para a internet, mas me lembro de ter tido a sensação de não de não ter pesquisado corretamente. Alguns assuntos mais complexos, você precisa de tempo e apoio. (ROSA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019).

Uma dúvida pode ser reproduzida. Um professor que não sabe o que fazer com determinada dificuldade de aprendizagem de seu aluno, pode aplicar uma *receita pronta* e a pesquisa aprofundada ser deixada de lado. A falta de comunicação e apoio dificulta a atividade de pesquisa. O relato abaixo demonstra que, embora os professores reflitam sobre a ação, sentem-se pressionados quanto a desenvolver uma pesquisa e agir a partir de sua reflexão.

Eu vou para o Google. Hoje tem o Google né, antes não tinha. Eu me lembro que eu tive uma criança muito problemática em uma época, e veio uma professora que tinha muito mais tempo e me disse: você vai ter que pesquisar. Eu disse a ela: pesquisar o que? Onde? Porque era uma criança que, aparentemente, parecia ter necessidades especiais. Só que assim, pesquisar aonde? Quem vai me dar suporte? Para onde eu vou? Hoje é colocado muito isso, principalmente, com as crianças especiais. Há uma cobrança. Eu tenho três em sala de aula com algum problema e vinte e três que eu já preciso me preocupar com os conteúdos normais, não dá tempo de eu ficar pesquisando situações de cada um deles. (SOLANGE, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2019).

Esse relato mostra uma preocupação sobre o que realmente deveria ser pesquisado. Essa é uma preocupação válida, afinal, a pesquisa exige sim certa atenção e dedicação do pesquisador. Demo (1994) explica que o professor precisa cultivar as dimensões tanto da pesquisa como atitude cotidiana, que é o de saber intervir na realidade de modo alternativo com base em sua capacidade questionadora, quanto na pesquisa como um resultado específico, que é o compromisso formal do conhecimento reconstruído, um produto concreto. Segundo ele, para que o professor não seja criatura de ideias alheias, precisa alimentar o processo constante de pensamento e produção própria e ser capaz de relacionar sua prática com a teoria.

Outros fatores foram apontados como dificultadores para os estudos dos professores, mas serão discutidos em um próximo artigo como, por exemplo, infraestrutura inadequada; falta de sentido sobre as reuniões pedagógicas e a forma como elas funcionam; o fato de utilizarem a internet como um mecanismo suficiente para responder aos problemas da prática; e a ideia da pesquisa acadêmica como único tipo de pesquisa ideal. Por ora, nos atentamos aos fatores que possibilitaram uma escola no Sul de Minas estimular os estudos coletivos dos professores.

#### **FATORES QUE POSSIBILITARAM AS DISCUSSÕES COLETIVAS COMO FERRAMENTA PARA ESTIMULAR OS ESTUDOS DOS PROFESSORES**

A Escola Estadual das Flores é um estabelecimento estadual e atende três bairros vizinhos. É uma escola que convive com a realidade de famílias que sofrem com a violência doméstica, o uso de drogas, pais ausentes, falta de recursos financeiros, mas que

luta por iniciativas voltadas para a comunidade, contando com o apoio de projetos da Universidade local. Atualmente está sendo construído um laboratório de informática para os alunos com computadores doados pela universidade.

Segundo relatos (2018) da Diretora e da Especialista, as reuniões pedagógicas estavam submergindo em um mar de questões administrativas, recados, discussões vãs e uma sensação de estarem andando em círculos. Desse modo, as reuniões foram reformuladas de maneira que o pedagógico fosse o assunto prioritário. Todos os momentos foram valorizados. Para recepcionar os professores no momento da chegada, a equipe da cantina prepara com bastante carinho um café especial para a chegada dos professores. As reuniões acontecem na biblioteca onde há um espaço que pode acolher um número grande de professores. A mesa do café fica logo na entrada, do lado direito, com toalha colorida, jarras bonitas para os sucos, uma garrafa de café e quitandas quentinhas feitas na própria escola. Foi nesse momento do lanche no qual grande parte das nossas entrevistas aconteceu. Um momento no qual os professores podem se sentar com calma para comer, respirar e trocar experiências vivenciadas diariamente. Essa foi uma maneira confortante de iniciar as reuniões que contribuiu bastante para que o ambiente fosse acolhedor e estimulante. A diretora Maria (2018) nos explica um pouco o que moveu essas iniciativas.

Não são só as coisas materiais que fazem a diferença, não. Não adianta tecnologia, se você não tem calor humano, não adianta o café, se não tem os diálogos, o olho no olho. É se importar realmente com o outro. Antes do professor, vem a pessoa, o ser humano. E é por isso que o café é tão acolhedor, porque é o momento em que você realmente se interage com as lutas de cada um. Esse momento é como um abraço. Eu ouvia somente comentários depreciativos sobre as reuniões nos corredores, que elas eram cansativas, um fardo, que não deveriam existir. Então, comecei a pensar em formas de melhorar e a comida foi uma delas.

A diretora (2018) salientou que os professores chegavam muito desanimados, pouco participavam, só desejavam que as reuniões acabassem logo. Explicou que todos os dias é preciso mudar alguma coisa. As reuniões que eram realizadas semanalmente, após um comunicado da secretaria regional, foram autorizadas a acontecer quinzenalmente, o que contribuiu ainda mais para a elaboração do planejamento.

Havia muitos motivos para não acreditar que aquele espaço dentro da escola pudesse ser transformado. Era necessário resgatar a confiança e também a esperança dos professores, por isso, a gestão se preocupou em atribuir sentido às reuniões pedagógicas. Esta foi uma das principais razões apontadas pelos professores para considerarem agora as reuniões como sendo um dos momentos mais importantes entre os colegas. A gestão decidiu priorizar assuntos que, de fato, tivessem relação com questões pedagógicas e auxiliar os professores em suas dúvidas, como percebemos nos relatos abaixo.

Nós temos procurado ser o mais objetivo possível na primeira parte das reuniões. Dou os recados, discutimos questões administrativas juntos, sabendo que o segundo momento da reunião é o que merece mais atenção: quando cada dupla de professor apresenta uma competência da BNCC. (ÁLVARO, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

Eu acho que as reuniões pedagógicas melhoraram muito, principalmente agora com as apresentações das competências da BNCC. Tem sido um espaço de ricas discussões com os colegas. Não temos outros encontros coletivos assim. Mesmo cansados conseguimos discutir e problematizar questões que são importantíssimas para a nossa prática. Acho que são sim momentos de estudo e reflexão. (ROSA, REUNIÃO PEDAGÓGICA, 2018).

O trabalho desenvolvido pela gestão foi no sentido de resgatar a credibilidade e a importância das reuniões, utilizando o que Freire (2002) chamou de temas geradores, partindo de assuntos que fossem de interesse dos professores para então problematizá-los, como foi a escolha das competências da BNCC.

Alarcão (2001) afirma que os professores são atores de primeiro plano e, por essa razão, possuem um papel a desempenhar na política educativa, pois sua profissionalidade envolve dimensões que ultrapassam a mera dimensão pedagógica. Para se sentirem atores de primeiro plano, os professores precisaram ser estimulados e sentirem-se participantes das ações que acontecem na escola.

Neste momento não será possível detalhar cada uma das atitudes apontadas como facilitadoras dos estudos dos professores, mas destacamos alguns pontos principais: gestão democrática; um olhar sócio-organizacional que buscou entender a necessidade dos professores; a questão estrutural dispendo as carteiras em círculo onde os professores poderiam interagir uns com outros; respeito e engajamento; e uma conscientização para entender a pesquisa como importante ferramenta para aliar teoria e prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao professor da educação básica não é tão simples impor um rigor metodológico quando se trata de pesquisa, até porque suas condições de trabalho são diferentes da academia. O professor lida com uma realidade que lhe solicita ações imediatas, e às vezes têm o tempo do dia todo comprometido. Não devemos entender que não há pesquisa, porque há depoimentos de que aprendem ao longo dos anos, e existem observações de que são feitas leituras, participação em reuniões e seminários, cursos, além da reflexão na ação e reflexão sobre a ação, entre outros fatos que foram considerados como traços de pesquisa. O que acontece, mais comumente, é que professores trabalham intuitiva-



mente com vários problemas de pesquisa ao mesmo tempo e mesmo quando um deles se mantém por alguns anos, a diferença em relação ao pesquisador acadêmico está na forma como são construídos e apresentados os conhecimentos que advêm desses problemas. Isso acontece nas entrelinhas, nas resistências, aprendendo com a prática e, em geral, o conhecimento desenvolvido aparece nas estratégias de ação ou é explicitado de forma verbal, e não escrita. Não há prazos específicos ou metodologias declaradas e conscientes. Em algumas questões, o professor avança e outras são deixadas pelo caminho. Embora não defina um método e não apresente a mesma sistematicidade exigida pela pesquisa acadêmica, o professor vai criando estratégias para responder às questões da prática e isso acaba por se constituir em conhecimento produzido.

Ao longo deste trabalho fomos percebendo que existem traços de pesquisa no cotidiano docente, como leituras, busca de informações, resolução de problemas, observação de realidade, reflexão teorizante e construção de explicações. Alguns professores com mais tempo de aula e de escola, demonstram propriedade ao falar sobre os problemas da escola, sobre estudantes e sobre como ensinar o seu conteúdo, ou educar para a cidadania, mais amplamente. Essas ações práticas desenvolvidas ao longo da carreira revelam um desenvolvimento na compreensão de determinado fenômeno. Essa compreensão subsidia as ações que vão produzindo conhecimento.

Percebemos que muitas características da pesquisa acadêmica fazem parte dos traços de pesquisa que encontramos no cotidiano docente. O fato é que o professor não trata esses traços como sendo partes de uma pesquisa, não pensa em reuni-los para construir uma pesquisa, e muitas vezes nem se dá conta disso. Isso nos levou ao entendimento de que se o professor tivesse clareza sobre certo problema de pesquisa a respeito do qual deseja aprender, e soubesse explicitá-lo melhor, isso poderia aumentar o foco de seus estudos e aliar, constantemente, teoria e prática. Ainda que o objetivo principal não seja a produção de textos científicos, consideramos importante avançar na forma como o conhecimento tem sido produzido. Para isso alguns fatores precisam ser considerados, como aproveitar melhor o tempo extra-aula ou pedagógico que o professor tem em sua jornada de trabalho; a estrutura da escola poderia ter melhores salas de estudo para os professores, bem como materiais de apoio como computadores e acesso à internet; as secretarias de educação poderiam melhor orientar os professores em seus estudos, não por determinações impositivas, mas no sentido de colaborar para que estudassem e aprendessem com autonomia e de forma coletiva. Este é um papel que precisa ser assumido, o de investir na formação com orientação e organização continuada.

Ainda que haja o tempo extra-aula estabelecido em lei, o sistema educacional atual não oferece condições para que a pesquisa exista como atitude cotidiana com regularidade no trabalho do professor. O caminho, aparentemente mais fácil, e imposto pelas pressões produtivistas, é uma articulação da prática com a própria prática sem que haja tempo para reflexão, leitura e vinculação com a teoria. Essa situação enfraquece a

formação continuada, pois se apóia em uma base frágil que pode culminar em receitas prontas ou práticas sem sentido.

Na segunda escola observada, os professores encontraram uma maneira de aliar teoria e prática no cotidiano escolar quando decidiram priorizar as discussões pedagógicas ao invés das discussões administrativas nas reuniões. A pauta dos assuntos administrativos passou a ter limite de tempo, com o compromisso assumido de não ultrapassar esse tempo reservado para os assuntos essencialmente pedagógicos. Uma das iniciativas observadas foi um estudo sobre as BNCC, em que os professores se dividiram em duplas e cada dupla estudou e apresentou aos colegas uma parte do que queriam.

Destacamos alguns fatores importantes que possibilitaram aos professores dessa escola intervir na realidade com base numa capacidade questionadora: gestão escolar democrática com um olhar sócio-organizacional lutando continuamente para não serem atropelados por assuntos administrativos e buscando sentido para o que fazem; a subjetividade na recepção carinhosa com um café especial; a disposição da sala organizada de modo que as cadeiras foram colocadas em círculos; respeito e disposição em se ouvirem; a decisão de utilizar os estudos como parte da rotina escolar.

Essa escola demonstrou o desejo em articular teoria e prática através de estudos coletivos para responder aos problemas da prática, o que resultou numa melhor compreensão da realidade. Observamos que a postura da direção escolar foi muito importante, mas como não tivemos desde o princípio desse estudo a intenção de analisar a gestão, ou sua influência no cotidiano da formação continuada de professores, não teremos condições de fazer maiores análises. Fica, portanto, o desafio para pesquisadores futuros.

É importante considerar que a formação continuada do professor não acontece somente em cursos de pós-graduação, seminários ou cursos de especialização, mas também nos momentos em que ele decide debruçar-se atentamente em estudar os problemas reais que acontecem na rotina de trabalho. Mas, entendemos que falta apoio e condição de trabalho. Reconhecemos mais amplamente que é necessário uma formação continuada que aconteça nos tempos em que as pessoas se dedicam ao ambiente escolar, mais oferta de cursos e flexibilidade de horários para que os professores consigam realizá-los. Estudar e pesquisar são atividades presentes na prática docente, mas que precisam ser melhor valorizadas e reconhecidas. É preciso não só garantir em lei 1/3 da carga horária sem atividades com educandos, mas é necessário respeitar esses momentos; seja repensando a estrutura física da escola destinando salas para estudos dos professores, seja repensando as razões de constantes interferências burocráticas que chegam de forma repentina e com prazos de execução muito curtos, fragmentando o tempo, o trabalho e a motivação dos professores.

O que entendemos ser necessário e de positivo para o professor é que não basta haver pesquisa, afinal, a pesquisa se faz presente em algum momento de sua carreira. É

necessária uma maior vinculação com a realidade prática e isso só poderá ser possível se a pesquisa for entendida como atitude cotidiana. A pesquisa entendida como um hábito cotidiano, refletida coletivamente, poderá gerar constância e continuidade nos estudos, regularidade, organização e mais escrita. Uma procura por estudos coletivos que apresentem maior profundidade com estudos teóricos, mesmo que externos à escola, são vivenciados diariamente pela realidade escolar.

Para que os professores sigam na direção de estudos e pesquisas, voltados para a prática, é preciso que o tempo destinado a estudos seja estabelecido em lei, que a pesquisa acadêmica não seja um modelo ideal para a educação básica e o entendimento de que a busca de informações na internet não é pesquisa. É necessário também que as secretarias de ensino apoiem os estudos dos professores, procurando melhorar a comunicação entre o que os professores estão desenvolvendo e as exigências que solicitam. De nada adiantará os professores refletirem sobre a própria prática, se não lhes forem oferecidas condições para que as mudanças ocorram.

Desejamos que os professores articulem teoria e prática, que estudem a teoria e a realidade, que desenvolvam conhecimento para melhorarem a prática buscando maneiras de compartilharem o que tem feito, de escreverem um pouco mais e de manter o engajamento coletivo. Nesse sentido, a pesquisa será um meio de produzir conhecimento sobre os problemas vividos na realidade escolar, com o objetivo de melhorá-la, impactando a formação continuada.

SOUZA, D. R.; VALLIN, C. Traits of research in the daily education: the pedagogical schedules as a study opportunity. *ORG & DEMO* (Marília), v. 20, n. 1, p. 99-120, Jan./Jun., 2019.

**Abstract:** The concern with a time for teacher's studies was born in 1996 with the National Education Guidelines and Bases Law n° 9394 which defined that the education systems would guarantee a period reserved for studies, planning and evaluation, included in the workload. Considering the word studies we propose to investigate what conditions favor or make it impossible for teachers to study with the objective of knowing how these studies help in the articulation between theory and practice even if they do not present the systematicity required by scientific research. This is a descriptive case study in the qualitative approach with field research with elementary school teachers from two state schools in the south of Minas Gerais. We found traces of research in daily teaching and the case of a school that rescued the purpose of pedagogical meetings and led us to conclude that further studies are possible through the involvement and participation of teachers. We emphasize a relationship between research and continuing education, pointing out the need for support from the teaching departments so that research is treated as a daily attitude included in the workload.

**Keywords:** teacher research, basic education, extraclass time.

SOUZA, D. R.; VALLIN, C. Características de la investigación en la educación diaria: los horarios pedagógicos como una oportunidad de estudio. *ORG & DEMO* (Marília), v. 20, n. 1, p. 99-120, Jan./Jun., 2019.

**Resumen:** La preocupación con el tiempo para los estudios de los maestros nació en 1996 con las Directrices Nacionales de Educación y la Ley de Bases n.º 9394, que definían que los sistemas educativos garantizarían un período reservado para estudios, planificación y evaluación, incluidos en la carga de trabajo. Considerando la palabra estudios, nos proponemos investigar qué condiciones favorecen o imposibilitan que los profesores estudien con el objetivo de saber cómo estos estudios ayudan en la articulación entre la teoría y la práctica, incluso si no presentan la sistemática requerida por la investigación científica. Es un estudio de caso descriptivo en el enfoque cualitativo con investigación de campo con maestros de escuelas primarias de dos escuelas estatales en el sur de Minas Gerais. Encontramos rastros de investigación en la enseñanza diaria de una escuela que rescató el propósito de las reuniones pedagógicas y nos llevó a concluir que es posible realizar más estudios a través de la participación de los maestros. Hacemos hincapié en una relación entre la investigación y la educación continua, señalando la necesidad de apoyo de los departamentos de enseñanza para que la investigación sea tratada como una actitud diaria incluida en la carga de trabajo.

**Palabras clave:** investigación docente, educación básica, tiempo extraclase.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre. Artmed, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Brasília. 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm) Acesso em 15 set. 2018.

BRASIL. **Lei Federal 11.738, de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Brasília. 2008. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm) Acesso em 15 set. 2018.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 03 jul. 2019.

DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 1994.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores associados, 1997.

DEMO, P. **Ser professor - é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação. 2011.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2 ed. Campinas: Autores Associados. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LÜDKE, M. **O professor e a pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1986.

MINAS GERAIS. **Lei 20.592, de 2012**. Altera a Lei 15.293, de 2004, que institui as carreiras dos profissionais de educação básica do Estado. Belo Horizonte. 2012. Disponível em: <[https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2013/01/02\\_lei\\_alteracao\\_carreira\\_professores\\_educacao\\_basica.html](https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2013/01/02_lei_alteracao_carreira_professores_educacao_basica.html)> Acesso em: 03 jul. 2019.

MINAS GERAIS. **Lei 15.301, de 2004**. Institui as carreiras do grupo de atividades de Defesa Social do Poder Executivo. Belo Horizonte. 2012. Disponível em: [https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2013/01/02\\_lei\\_alteracao\\_carreira\\_professores\\_educacao\\_basica.html](https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2013/01/02_lei_alteracao_carreira_professores_educacao_basica.html)> Acesso em: 03 jul. 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIZUKAMI, M. G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EduFSCar, 2002.

ROQUINI, D. R. **Traços de pesquisa no cotidiano docente**: os horários pedagógicos como oportunidade de estudos. 2019. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

TEXEIRA, I. A. C. Tempos enredados na condição docente: narrativas de professores e professoras. **Pro-Posições**. Campinas, v. 14, n. 1, jan./abr., 2003.

VALLIN, C. **Projeto CER: Comunidade escolar de Estudo, trabalho e Reflexão**. 2004. Tese. (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.

---

Submetido em: 19/01/2019

Aceito em: 10/06/2019

